

ESTÉTICA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

ESTÉTICA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

ORGANIZAÇÃO

Bruno Guimarães

Imaculada Kangussu

Rachel Costa



© Relicário Edições

© Autores

CIP -Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

E798

Estética moderna e contemporânea / Organização Bruno Guimaraes, Imaculada Kangussu, Rachel Costa – Belo Horizonte : Relicário Edições, 2017.

192 p.

Vários autores

ISBN: 978-85-66786-58-3

1. Arte – Filosofia. 2. Natureza (Estética). I. Kangussu, Imaculada.
II. Costa, Rachel. III. Título.

CDD 701.17

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Horta Nassif Veras (UFTM)

Ernani Chaves (UFPA)

Guilherme Paoliello (UFOP)

Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG)

Luiz Rohden (UNISINOS)

Marco Aurélio Werle (USP)

Markus Schäffauer (Universität Hamburg)

Patrícia Lavelle (EHESS/Paris)

Pedro Süssekind (UFF)

Ricardo Barbosa (UERJ)

Romero Freitas (UFOP)

Virginia Figueiredo (UFMG)

Davidson de Oliveira Diniz (USP)

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maira Nassif Passos

CAPA Caroline Gischewski | ILUSTRAÇÃO Roberto Bellini

DIAGRAMAÇÃO Kátia Regina Silva | Babilonia Cultura Editorial

REVISÃO Lucas Moraes e Pedro Furtado

RELICÁRIO EDIÇÕES

www.relicarioedicoes.com

contato@relicarioedicoes.com

SUMÁRIO

Apresentação

A educação pelo mármore:

Winckelmann e a propedêutica do ver

Pedro Fernandes Galé 13

Karl Philipp Moritz e a estética do século XVIII:

ruptura e desdobramento

Pedro Augusto da Costa Franceschini 25

Arte, filosofia e natureza em Schelling (1797-1807)

Gabriel Almeida Assumpção 37

O impulso estético contra as determinações da polícia:

uma leitura de Schiller e de Jacques Rancière

Clécio Luiz Silva Júnior 47

Aparência e verdade em Walter Benjamin e Sigmund Freud:

o problema da materialidade na teoria estética e na teoria dos sonhos

Rafael Zacca Fernandes 59

Imagem e vacinação em Walter Benjamin

Virgínia Mota 69

A transcendência essencial da arte

José Luiz Furtado 81

O que esperar das imagens?

Carla Milani Damiano 91

Percepção contemporânea da paisagem: considerações iniciais sobre a questão da representação na fotografia aérea e astronômica

Cristina Pontes Bonfiglioli 103

Capitalismo estético e obra publicitária: a subsunção da arte para o consumo

Benito Eduardo Araujo Maeso 119

Glauber Rocha e a invenção de um povo

Fernando Tórres Pacheco 131

Imagens do amor e da morte

Thiago Ferreira de Borges 145

A saia, a calça e outros instrumentos sexopolíticos: sobre a reprodução estética dos gêneros

Francisco Augusto Canal Freitas 157

A arte antes da filosofia: o manifesto artístico como narrativa histórica da arte entre Kosuth e Danto

Anderson Bogéa da Silva 167

Seria a crítica o calcanhar de Aquiles da arte pós-histórica? Os limites da crítica como definição perante o pluralismo e o multiculturalismo

Charliston Pablo do Nascimento 181

APRESENTAÇÃO

Os textos que compõem este livro foram apresentados no VIII Encontro do Grupo de Trabalho “Estética” da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), realizado entre os dias 1 e 3 de junho de 2016 na Universidade Federal de Ouro Preto. O evento faz parte de uma série de encontros bianuais promovidos pelo Grupo, iniciada em 2016.

O objetivo principal desses encontros tem sido aprofundar a abordagem de questões prementes da estética moderna e contemporânea, tendo, como matrizes de inteligibilidade, obras clássicas do repertório da estética e da filosofia da arte e, como procedimento, a aplicação das reflexões aí encontradas aos fenômenos artísticos e culturais presentes na sociedade atual, bem como as transformações dos conceitos desenvolvidos ao longo da tradição e a criação de novos instrumentos conceituais capazes de promover o discurso teórico relativo às artes e à cultura contemporâneas.

Os textos que apreciaremos a seguir percorrem um longo período de formação da estética filosófica, desde suas origens no século XVIII, até a chamada filosofia da arte contemporânea, abordando uma série de problemas filosóficos que esses estudos geraram.

Em “A educação pelo mármore: Winckelmann e a propedêutica do ver”, Pedro Galé perpassa a bibliografia do filósofo para expor uma análise que traz à tona o corte epistemológico representado pela posição winckelmaniana em relação à apreciação de obras de arte e à construção de sua história. Para tanto, Galé apresenta as diferenças entre a metodologia de observação de obras de arte classicistas e a do filósofo, atentando para a necessidade de uma apreensão estética que se fundamente no ato de ver, superando, assim, um modo específico de compreender a Antiguidade. A partir disso, a percepção visual das obras de arte é associada a uma educação do gosto, que, por sua vez, tem a beleza como fundamento. A beleza ocupa uma espécie de meio do caminho entre o universal e o particular, se manifestando como uma singularidade que expressa a transcendência da norma e que exige a formação da capacidade de sentir.

Pedro Franceschini, no artigo “Karl Philipp Moritz e a estética do século XVIII: ruptura e desdobramento”, apresenta, por meio da associação entre dois textos do filósofo, o modo pelo qual a estética de Moritz traça uma espécie de

transição entre as estéticas do idealismo e do romantismo. É com o conceito de beleza, como uma totalidade em si e com a negação do paradigma da representatividade, que Moritz fundamenta sua noção de autonomia da arte e, a partir desta, deriva sua experiência estética, a qual surge apenas no limiar do ensimesmamento da obra e estabelece um novo eixo entre obra, homem e mundo. Esse eixo é trabalhado a partir da retomada e da ressignificação do conceito de imitação, o qual dissolve a disputa, a ele contemporânea, entre belo artístico e belo natural. Assim, Franceschini mostra que Moritz revela sua originalidade e significado por meio de sucessivos deslocamentos e ressignificações de noções tradicionais da estética do século XVIII.

Gabriel Assumpção, em “Arte, filosofia e natureza em Schelling”, procura indicar a unidade entre arte e natureza na estética de Schelling durante sua produção do período que vai de 1797 a 1807. Além de acompanhar os comentários mais recentes da *Schelling-Renaissance*, no intuito de caracterizar o paralelismo entre produtividade da natureza e criação artística no referido período da obra, Assumpção procura ampliar essa contribuição, relatando os tipos de argumento que Schelling utiliza no caso de algumas artes plásticas específicas, a exemplo da pintura e da escultura. Schelling teria nos apresentado a concepção filosófica do absoluto como unidade ao se opor à concepção restrita de arte como imitação, em nome da demonstração de uma interpenetração entre necessidade e liberdade, entre produtividade poética (inconsciente) e produto (consciente) da arte, em uma obra que não se reduz à coisa feita, ao objeto finito. O princípio da imitação da natureza só poderia ser reconhecido uma vez ultrapassada a ideia de uma “imitação servil”, como no caso em que o artista aprendesse a emular a natureza como “força criadora”. Foi isso o que Schelling teria reconhecido na arquitetura e na escultura grega, por exemplo, quando não se busca “retratar ‘fielmente’ um pinheiro, mas sim apreender a força produtiva que permite a uma semente se tornar pinheiro, e a um pinheiro se manter como tal.”

Em “O impulso estético contra as determinações da polícia: uma leitura de Schiller e de Jacques Rancière”, o professor Clécio Luiz Silva Júnior (PUC Minas) realiza uma aproximação entre os filósofos mencionados por meio da percepção de uma proposta comum a ambos, que consistiria na ultrapassagem dos lugares comuns dos modos de pensar e de sentir, das determinações e das forças da lei da natureza e do Estado, por meio da experiência estética. A partir dessa perspectiva, o texto desenvolve a ideia de que a liberdade estética pode ser um caminho para a liberdade moral e política.

O texto de Rafael Zacca, “Aparência e verdade em Walter Benjamin e Sigmund Freud”, procura apresentar uma terceira linha de abordagem da relação entre aparência e verdade, como uma alternativa tanto à desqualificação da aparência, sugerida pela tradição filosófica, quanto à identificação imediata da aparência com a verdade. Aproximando a maneira como o psicanalista concebe a relação entre o “conteúdo manifesto” e o “conteúdo latente” no sonho à maneira como Benjamin trabalha a relação entre “teor-coisal” e “teor de verdade” nas obras de arte, Zacca indica que a verdade não é o resultado de um desvelamento ou “tradução literal” de um sentido já dado, mas aquilo que atualiza o “sempre-novo”. Assim, “poemas e sonhos seriam, antes de tudo, ferramentas que nos são entregues para que, com elas, moldemos novas formas” que só atingem a verdade quando nossa “máquina lúdica” é capaz de fazer justiça a Eros e à beleza.

Atenta também ao problema da ludicidade, Virgínia Mota, em “Imagem e vacinação em Walter Benjamin”, demonstra que a proposta literária de Benjamin trabalha as lembranças com cuidado, por meio de um processo de vacinação das imagens de infância, tendo em vista a sobrevivência daquele que rememora. Mais uma vez, a tarefa de extrair dessas imagens “algo de verdadeiro” não pode aprisionar o autor ao passado histórico, sobretudo quando essa relembração, no contexto de Benjamin, remetia às catástrofes vividas na guerra. Daí a necessidade de vacinação. Finalmente, o resgate do que já passou deveria produzir um reconhecimento capaz de aceder a uma espécie de experimentação, tornando possível uma nova leitura do presente que resgata a criança que se foi.

A ideia de que a arte pode alcançar um fundo ainda selvagem das profundezas da vida que em cada indivíduo manter-se-ia protegido das manipulações ideológicas por não ser conceitual, um fundo de pulsões e forças vitais recônditas por não encontrarem um espaço adequado na vida cotidiana para se manifestarem, aparece expressa no texto “A transcendência essencial da arte”, de José Luiz Furtado (professor na UFOP). Por recorrer a formas de experiências e compreensão pré-conceituais, a arte pode ser capaz de transcender a razão e a sensibilidade instrumentalizadas. Esse caráter essencialmente transcendente, transgressor e revolucionário do gesto artístico, independentemente de qual seja o modo de organização política da sociedade por meio da qual ele se faz, atravessa todos os obstáculos oriundos da sua condição histórica.

“O que está acontecendo com as imagens?”, questão formulada pelo professor Ricardo Fabbrini já no título do texto por ele apresentado no VIII Encontro do GT de Estética da ANPOF, levou Carla Milani Damião (professora na UFG)

a escrever “O que esperar das imagens?”. A fim de responder à questão de o que se pode esperar das imagens, a autora toma como guia outras questões que orientam importantes teorias da imagem. O texto leva adiante o questionamento, comentando os textos “O que as imagens realmente querem?” de W.J.T. Mitchell; “As imagens querem realmente viver?”, de Jacques Rancière; e “Restituir uma imagem”, de Didi-Huberman.

“Percepção contemporânea da paisagem: considerações iniciais sobre a questão da representação na fotografia aérea e astronômica”, texto de Cristina Pontes Bonfiglioli, visa trazer contribuições para a discussão de uma antropologia filosófica da imagem – considerando as abordagens de Vilém Flusser, Hans Belting e Didi-Huberman, entre outras – vinculada à relação entre *tekhné* e *poiesis* proposta por Heidegger. O propósito da autora consiste em, nas suas palavras, “auxiliar na construção de uma fenomenologia da imagem tecnológica, independentemente dos usos que dela são feitos – ciência ou arte.”

Benito Maeso, em “Capitalismo estético e obra publicitária: a subsunção da arte para o consumo”, considera que, com a ascensão das chamadas sociedades de controle, abre-se o caminho para que as empresas – mais do que a organização do modo de produção – tornem-se um modo de pensamento. Essa nova forma de vida coletiva, que parece ter abdicado da narrativa totalizante, surge no texto como responsável pela narrativa total dos tempos atuais, que se dá por meio do fenômeno do *marketing*, percebido como linguagem e processo básico para a compra e venda de mercadorias e para a formação do *ethos* social contemporâneo.

No texto “Glauber Rocha e a invenção de um povo”, Fernando Pacheco recorre, em suas palavras, “a certos filmes de Glauber Rocha no intuito de auxiliar a reorganização do pensamento, brutalizado pela sordidez dos acontecimentos que vêm se arrastando.” Ainda que a ideia de “invenção de um povo” tenha sido criada por Deleuze e este filósofo seja capital no texto, aos escritos deleuzianos somam-se os de críticos brasileiros fundamentais para realizar o propósito do autor de ampliar a reflexão sobre o complexo cinema e pensamento glauberianos, ressaltando as propostas do artista ligadas à invenção de um novo povo e à possibilidade de um devir.

A ideia do devir de uma nova subjetividade está presente também no texto de Thiago Borges, “Imagens do Amor e da Morte.” O autor contrapõe a ideia de “imagens nítidas”, que deveria esboçar a ideia de unidade determinada do Eu, pressuposta nas teorias do reconhecimento solidárias do modelo comunicacional de Habermas e Honneth, à ideia de reconhecimento de indeterminação

de Vladimir Safatle, que reconfiguraria a ideia moderna de sujeito. O esclarecimento da proposta de Safatle, destinada a uma reconfiguração da ideia moderna de sujeito, passaria pela crítica adorniana da identidade como “forma originária da ideologia” e pela confrontação do Eu com a morte, responsável pela experiência da infinitude, na formação do sujeito em Hegel. Finalmente, a ideia de um “amor mais frio do que a morte” representaria uma reconfiguração do conceito de amor fundador dos laços sociais, que incorporaria essa mesma indeterminação da morte negadora de tudo o que é “condicionado e finito” na realização da verdadeira subjetividade hegeliana. O resultado dessa incorporação haveria de demonstrar que a indeterminação, longe de produzir sofrimento social, seria a única experiência apta a produzir uma sociabilidade solidária por meio do reconhecimento da “realidade fundadora da condição existencial de todo e qualquer sujeito”.

A partir do questionamento da produção e da reprodução estética dos gêneros no contexto econômico-social-cultural (inseparáveis), pensadas não apenas como uma determinação biopolítica, mas também como potências políticas dos considerados “anormais”, Francisco Augusto Canal Freitas (professor do Cefet-MG) desenvolve o texto intitulado “A saia, a calça e outros instrumentos sexopolíticos: sobre a reprodução estética dos gêneros”. As diferenças culturais relativas a configurações de gênero, trazidas pela pesquisa antropológica, fazem emergir a possibilidade de subversão do gênero heteronormatizado como uma forma de resistência sexopolítica.

É com o objetivo de comparar as tentativas de compreender a natureza da arte realizadas por Arthur Danto e Joseph Kosuth que Anderson Borgeá apresenta o artigo “A arte antes da filosofia: o manifesto artístico como narrativa histórica da arte entre Kosuth e Danto”. O autor apresenta e analisa criticamente os argumentos elaborados por ambos pensadores tendo como foco central o problema da materialidade da obra de arte e o questionamento da história da arte recente, representada, para ambos, pela teoria greenbergiana. Por meio dessa comparação, Borgeá mostra que a proposta de Kosuth representa uma espécie de expressão da tese dantiana sobre a arte pós-histórica de que a arte produz a sua própria filosofia. Ao final, o autor sugere que, apesar das várias contribuições da teoria dantiana para pensar a arte da segunda metade do século XX, a proposta de Kosuth é mais bem-sucedida na tentativa de definir arte.

Finalmente, em “Seria a crítica o calcanhar de Aquiles da arte pós-histórica? Os limites da crítica como definição perante o pluralismo e o multiculturalismo”, Charliston Pablo do Nascimento questiona se a compreensão dantiana da na-

tureza da arte, a qual permite pensar a ampliação das possibilidades artísticas ao infinito, esvazia o terreno da crítica. Para tanto, o autor analisa textos nos quais o filósofo propõe tanto análises quanto definições do que seria a crítica no contexto da arte pós-histórica. O autor critica a posição de Danto sobre a crítica de arte afirmando que ela não espelha sua própria definição de arte, visto que deixa de lado a historicidade da obra de arte. Essa negligência transforma o crítico em um mediador, ou explicador de obras de arte, o que, no contexto capitalista atual, acaba desaguando em uma atividade de respaldo de relações comerciais que nada têm a ver com a qualidade da obra de arte em questão.

A realização do VIII Encontro GT de “Estética” da Anpof foi possível graças ao apoio financeiro da Universidade Federal de Ouro Preto, da Universidade Federal de Minas Gerais, do Procad (Programa de Cooperação Acadêmica), da Capes e da Fapemig, agência financiadora que também custeia este livro. A essas instituições somos imensamente gratos, como também aos colegas, monitores e monitoras, funcionários e funcionárias do Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, da Universidade Federal de Ouro Preto, pela solidariedade atenta e presente durante todo o percurso.

Bruno Guimarães (UFOP)

Imaculada Kangussu (UFOP)

Rachel Costa (Capes/UFOP)